



*Ernani Ssó*

**MAIS NO ESCURO**

*Sete Histórias Tenebrosas de Bruxa*

Ilustrações Eloar Guazzelli

**edelbra**





*Ernani Ssó*

**MAIS NO ESCURO**

*Sete Histórias Tenebrosas de Bruxa*

Ilustrações Eloar Guazzelli

**edelbra**

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Design: Laura Guidali Amaral

Revisão: Press Revisão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S767n

Ssó, Ernani, 1953-

No escuro : mais sete histórias tenebrosas de bruxa /

Ernani Ssó ; ilustração Eloar Guazzelli. - 1. ed. - Porto Alegre,  
RS : EDELBRA, 2013.

80 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-66470-15-4

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Guazzelli, Eloar. II.

Título.

13-02619

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2013

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida  
ou copiada, por qualquer meio,  
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

*Ernani Ssó*

**MAIS** NO ESCURO

*Sete Histórias Tenebrosas de Bruxa*

Ilustrações Eloar Guazzelli

**edelbra**



## SUMÁRIO

O Esqueleto da Bruxa . . . . .	6
A Aula da Bruxa . . . . .	18
A Visita da Bruxa . . . . .	28
O Espelho da Bruxa . . . . .	36
O Voo da Bruxa . . . . .	46
A Fome da Bruxa . . . . .	56
As Máscaras da Bruxa . . . . .	66



# O Esqueleto da Bruxa



Na noite mais escura do ano,  
na hora mais escura da noite,

Célia acordou com a sensação de que alguma coisa se mexia dentro do colchão. Ratos? Baratas? Célia quase chamou a mãe. Mas que ideia boba! Como ratos e baratas poderiam se meter num colchão novinho? Com um arrepio, Célia sentiu de novo os movimentos embaixo das costas e pensou ter ouvido vozes ou miados.

Célia chutou as cobertas, mas não teve tempo pra nada, foi absorvida pelo colchão como se fosse um gole d'água. Num segundo, se viu estirada num lugar cheio de furos, com pequenos túneis interligados. Era sufocante, era macio, era amarelado. Se levantou como se aprendesse cada movimento. Ridículo, estava presa dentro do colchão, um mundo de esponja.

— Fugam que a Sinfrônia vem aí — Célia ouviu, sem saber de onde vinha a voz, que fazia eco pelos túneis e parecia um miado de gato doente.

A primeira bruxa apareceu bem na frente da Célia. Vinha toda descabelada sobre a vassoura, num voo desesperado, as vestes negras como bandeiras ao vento. Quando ia se chocar com Célia, desviou pra cima, perdeu o chapéu e sumiu num túnel.

O chapéu flutuou um instante e caiu diante da Célia. Fedia mais que a jaula de um macaco, e vermes rastejavam na aba. Célia recuou, encolhida, as tripas se retorcendo.

Então, apareceram outras bruxas, inclinadas sobre as vassouras, vindas da direita e da esquerda. Célia se atirou no chão pra não ser atropelada. Uma das bruxas gritou com a mesma voz de miado de gato doente:

— Olhem, uma menina caiu na nossa armadilha!

Ela sumiu antes de terminar a frase, mas antes de terminar a frase, apareceram mais bruxas, sempre descalçadas e vestidas de negro, sempre de todos os lados. Pareciam um bando de moreegos que se desviavam no último segundo, sem se bater, mesmo quando o túnel era muito estreito. Vai ver, não eram tantas, talvez fossem as mesmas bruxas perdidas pelos túneis. Era fácil se confundir naquele labirinto de esponja.

Repentinamente, as bruxas sumiram. Ficou só o silêncio. Um silêncio de dar dor de cabeça.

Célia pensou em fugir também. Quando se levantou, um meteorito cruzou diante dela. Tinha de ser um meteorito. Nenhuma bruxa poderia voar tão rápido. Célia mal enxergou um vulto e quase caiu com o vento que ele fez na passagem.

— Minha nossa — Célia pensou —, eu durmo toda noite sobre bruxas miadoras e...

O relâmpago negro cortou o espaço de novo e, a cinco centímetros da Célia, se materializou um esqueleto numa vassoura, como se um mágico houvesse aberto a mão. O esqueleto e a vassoura estavam parados no ar, mais firmes que Célia no chão de esponja. Ele usava um

manto com capuz, negro, grande demais e em farrapos. Mas o pior foi que disse com uma voz que parecia o latido de um cachorrão:

— Quem é você, menina?

— Célia — Célia gaguejou.

— Sinfrônia, muito prazer! Ou melhor, o esqueleto da Sinfrônia.

— Como?

— Eu já morri, sua boba. Não vê? Antes, eu tinha carne em cima desses ossos. Carne e umas gordurinhas localizadas.

Célia abriu a boca duas ou três vezes sem conseguir dizer nada. Sinfrônia levantou a mão direita, que tinha apenas quatro dedos.

— Calma, não precisa ter medo. Já disse, estou mor-tinha da silva. Faz mais de cem anos. Se eu ainda fosse viva, aí sim, você estaria frita. Mas, com a morte, perdi o apetite e a maldade ficou sem graça, entende?

Célia fez que sim com a cabeça, mesmo sem entender patavina.

— Como veio parar aqui, Célia?

— Não sei — Célia disse rapidinho pra não gaguejar.



— Uma bruxa disse que caí numa armadilha.

— Você teve sorte. Se elas não estivessem fugindo de mim, você já estaria na mesa, em forma de torta, com muitas velinhas em cima. As Aricleias estão de aniversário hoje, todas as treze.

— Aricleias?

— Como são gêmeas idênticas, a mãe delas deu um nome só.

Sinfrônia achou graça e riu, batendo os únicos três dentes que tinha. Mas parou de repente. Apontou pra Célia o osso do dedo indicador da mão direita e disse, muito séria:

— Não saia daqui. Você é a isca perfeita.

Então, Sinfrônia se deu conta de que estava sem um dedo.

— Droga, logo o do anel.

Procurou num bolso do manto, como se apalpasse coisas que podiam morder. Não achou nada. Procurou no outro, até que puxou dele um dedo com um anel de ouro e pedra vermelha.

— Vive caindo essa porcaria. Veja, Célia, se a velhice é a melhor idade, com a morte a gente chega à perfeição.

Tentou encaixar o dedo na mão. Não deu certo. Aí pegou um pedaço de arame num bolso e disse umas palavras numa língua desconhecida. Imediatamente, o arame amarrou o dedo. Sinfrônia apreciou um instante o anel e desapareceu em meio às chispas da pedra vermelha.

— Se eu contar pra minha mãe, ela não vai acreditar — Célia pensou. — Nem eu acredito.

Mesmo sem acreditar, Célia queria dar o fora. Imagina ser a torta em aniversário de treze bruxas gêmeas? Imagina se Sinfrônia estivesse mentindo, à espera de comer a torta sozinha?

Era preciso subir. Era preciso achar a saída do colchão. O diabo é que o colchão, por dentro, era maior que uns dez ou vinte campos de futebol. Talvez levasse dias pra chegar lá em cima, na sua cama, mesmo se Célia fosse uma boa alpinista.

— Chega de papo, vamos lá — Célia se animou.

Três passos depois, viu uma bruxa voando bem devagarinho na boca de um dos túneis mais altos. A bruxa parou a vassoura, olhou ao redor, escutou com uma das mãos em concha ao lado da orelha. Depois, fez um gesto chamando as outras.

Em silêncio, as bruxas entraram em fila indiana. Em silêncio, ficaram uma ao lado da outra, formando uma ferradura. Em silêncio, desceram pra cercar Célia.

Célia desatou a correr e a gritar:

— Sinfrônia, me acuda!

Nada da Sinfrônia.

Célia acelerou, mas pisou em falso e caiu rolando. Quando se levantou, as bruxas tinham feito um círculo em volta dela. E olhavam fixo. E se lambiam. Então, uma das bruxas saltou pro chão, e a vassoura permaneceu estacionada no ar.

Célia pensou em correr por baixo do círculo de bruxas. Não podia ficar paralisada de medo. Não podia. Melhor morrer lutando.

A bruxa se aproximou, com uma corda muito grossa.

— Vamos, menina — disse com aquela voz de miado de gato doente —, estenda as mãos.

Célia estendeu.

A bruxa sorriu. Tinha só dois dentões na parte de cima, separados por um intervalo em que cabia um lápis.

Quando a bruxa se distraiu com a corda, Célia deu um soco no narigão dela. A bruxa caiu de bunda, sem entender nada. Com um gemido, passou uma das mãos no narigão, que tinha ficado mais torto do que já era, e viu o sangue. Ao ver o sangue, deu um berro e caiu durinha.

— A Aricleia é muito sensível — uma das bruxas do círculo disse. Depois, saltou da vassoura e foi reanimar a irmã. Tirou de um bolso um rato morto e o balançou diante do narigão sangrento, enquanto sussurrava umas palavras incompreensíveis. Fez efeito na hora, Aricleia arregalou os olhos e berrou:

— Manhê, socorro!

Então, se ouviu uma risada e uma voz em falsete:

— Manhê, socorro! Socorro, manhê!

Todas as bruxas olharam pra cima. Célia também. Sinfrônia estava bem no alto, tão longe que parecia pequenininha.

As bruxas saíram a toda, a do rato morto agarrada nas palhas da vassoura, que tinha fugido antes dela. Não, todas não. A da corda não teve tempo. Quando ia montar na vassoura, Célia a puxou por uma perna e a encheu de sopapos.

Sinfrônia caiu na risada de novo.

As bruxas voavam pra todo lado, numa confusão tenebrosa, sem conseguir fugir pelos túneis, tapados com teias de aranha pela Sinfrônia. Guinchavam ordens e contraordens que elas mesmas não obedeciam. Pra piorar, as vassouras começaram a corcovear como cavalos selvagens. Logo, três bruxas se bateram e se esborracharam no chão.

Então, Sinfrônia parou de rir. Resmungou um encantamento, pegou a própria canela direita e voou a toda, com ela bem firme na mão. Cada vez que passava por uma das bruxas, acertava uma canelada na cabeça da miserável, que soava como um gongo. A vassoura seguia



sozinha, e a bruxa ia direto pro chão. Num instante, Sinfrônia tinha acabado com todas as bruxas.

Feito isso, Sinfrônia recolheu os corpos e os botou sobre a Aricleia nocauteada por Célia, num monte mais alto que uma mesa. Tirou de um bolso um saco em que não cabia nem o narigão de uma das bruxas e meteu lá todas elas, com vassouras e tudo, sempre resmungando encantamentos. Amarrou bem a boca do saco e o enfiou dentro de outro menor ainda, quase como uma carteirinha de guardar moedas. Ainda muito séria, atirou-o no chão e disse:

— É seu, Célia.

— Meu?

— Sim, complete o serviço.

— Como?

— Pise em cima.

Célia pisou. Não sentiu nada. Mas, quando levantou o pé, viu apenas uma poeira no chão.

— Legal, não? Essas nunca mais vão encher a paciência de ninguém — Sinfrônia disse. — Agora preciso da sua ajuda. Não tenha medo, não é nada demais. Como estou morta há muito tempo, perdi o jeito de andar por aí. Quero que você me enterre.

— Mas como?

Sinfrônia tirou um facão das dobras do manto e começou a cortar a esponja. Em pouco tempo, tinha uma sepultura do tamanho dela. Ao lado, pedaços e pedaços de esponja.

Com muito cuidado, Sinfrônia botou sua vassoura na sepultura e depois se deitou com ela.

— Pronto, Célia. Agora me cubra. Vamos logo. O mundo já tem vivos demais pra encher com mortos. Essas bruxas desgraçadas me desenterraram hoje à meia-noite pra eu ensinar meus truques pra elas. Mas me recusei. Eram muito burras, Célia, muito burras. Burrice e maldade juntas são demais até pra pior bruxa.

— E como eu saio daqui? Não posso viver dentro do colchão.

— É fácil, dance em cima da minha sepultura. Adeus!

Sinfrônia cruzou os braços sobre o peito, com o anel bem à vista, faiscando que nem fogo.

Mais que depressa, Célia cobriu o esqueleto com os pedaços de esponja. Ficou um morrinho. Decidida, Célia começou a dançar em cima, pra baixá-lo. Mas a esponja descia e, em seguida, voltava ao mesmo nível. Célia começou a pular com toda a força. Num desses pulos, ela subiu e não voltou. Estava outra vez deitada na própria cama.

Célia esperou um pouco. Não aconteceu nada. Continuou esperando. Continuou não acontecendo nada. Estava tudo bem. Ela e Sinfrônia podiam dormir em paz.



# Ernani Ssó

Ernani Ssó é o escritor que veio do frio: nasceu em 1953, em Bom Jesus, RS, numa tarde de neve. Quando descobriu que o Brasil é um país tropical, fugiu para Porto Alegre, onde vive até hoje. Mas faz planos diários de fugir de novo, dessa vez para o Nordeste. É que ele tem medo do frio, mais que de bruxa. Isso agora, porque, quando era pequeno, foi assombrado por uma bruxa todas as noites, na porta do quarto.

Em 1987, começou a escrever para crianças, coisa que achou muito divertida. Entre seus livros, tem um xodó especial pelos que contam histórias de bruxa. Seus heróis, meninas e meninos, são mais valentes e mais espertos do que ele foi. Têm de ser. As bruxas que ele inventa são mais tenebrosas do que aquela, magra e torta, que aparecia na porta do seu quarto.

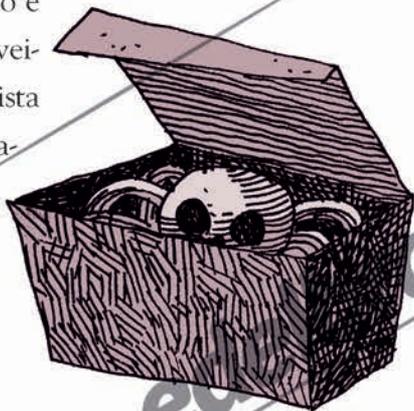
Neste livro, como no anterior, estrelam sete novas bruxas, em sete histórias eletrizantes, cheias de movimento, riso e terror. Ernani achou isso demais. Pensou em se aposentar delas. Mas ao enfrentar a última, a Sinfrônia, em “O esqueleto da bruxa”, se sentiu todo alegrinho, louco de vontade de escrever mais sete histórias de bruxa. Coitado. Deve estar enfeitado.

# Eloar Guazzelli

Eloar Guazzelli é um desenhista que também veio do frio, pois nasceu em Vacaria (cidade vizinha a Bom Jesus, onde igualmente neva). Desde pequeno, teve grande fascínio e medo por todas as criaturas terríveis que moram no escuro, mas tinha o consolo de pensar que o frio do Rio Grande do Sul deveria, com certeza, espantar as bruxas tropicais.

Desde cedo, procurando lugares menos gelados para viver, Guazzelli (ainda bebê, no ano de 1962) mudou-se para Porto Alegre onde viveria por três décadas. E onde descobriria duas grandes paixões: devorar livros e rabiscar sobre qualquer material.

Sempre buscando aquecer-se um pouco mais, no ano de 2000 transferiu casa e estúdio para São Paulo, tentando se convencer de que vive num país tropical e também pesquisando a vida das bruxas nas grandes metrópoles (descobrimdo que as pobres reclamam muito da poluição e do tráfego aéreo). Enquanto isso, aproveitava para continuar sua vida de desenhista compulsivo em várias linguagens, fazendo direção de arte para cinema, desenhando histórias em quadrinhos e se divertindo com a ilustração de livros, em especial quando falam de escuridão e de bruxas.



Coragem, vai começar a noite mais escura do ano, a hora mais escura da noite. Não ouve a gritaria? As risadas? O voo das vassouras? A dança dos esqueletos? Você vai enfrentar mais sete bruxas, todas tenebrosas, mortas de fome por crianças. Mas, atenção: só valentia contra elas não basta. Seja esperto, drible as bruxas com a imaginação. Também não custa olhar embaixo da cama antes de dormir.



**edelbra**

ISBN 978-85-66470-15-4



9 788566 470154